

Sandra Mara Corazza

INFÂNCIA & EDUCAÇÃO

Era uma vez... Quer que conte outra vez?



EDITORA
VOZES

Petrópolis
2002

Apresentação

Caro(a) leitor(a),

Permito-me lhe advertir: caso nunca tenha jogado dados, prepare-se, pois está prestes a fazê-lo, provando, assim, não só que sempre há uma “primeira vez” na vida das pessoas, mas também que o único a não jogar dados é Deus, como bem lembrara Albert Einstein.

Pois é, no instante mesmo que virar cada uma das páginas que se seguem ou, simplesmente, cada vez que encerrar a leitura de um parágrafo para passar ao seguinte, você estará jogando dados. Jogando dados? Sim, aqueles mesmos que a nossa amiga e colega Sandra Mara Corazza jogou uma e outra vez para, assim, avançar na escrita deste *Infância & Educação*.

Quais dados? Os dados de/a infância, retalhos de histórias. Dados inertes que, quando jogados, cobram vida de *verdade* de dados e, assim, a cada jogada inventam a infância dos homens.

Sandra Mara sabe que a *infância* não é um dado de natureza para esses seres pequenos aos quais temos o hábito intelectual de chamar de *crianças*. Sabe que a infância é inventada em cima da mesa de jogos do barulhento salão dos acasos da(s) historia(s) de/da *gente grande*.

Nossa colega sabe disso por profissão foucaultiana. Com este livro, mais uma vez, lança-se à arqueologia da infância

moderna. Dessa infância que, tendo emergido nas dobras da Modernidade, pareceria, segundo alguns, estar prestes a desaparecer nestes tempos ditos já pós-modernos. Com paciência ordena e reordena cenas de infância para, dessa forma, nos lembrar que seja o que ela for – a infância –, sempre é efeito do assim chamado *dispositivo da infantilidade*. Assim, aos trancos e barrancos, a infância é inventada, uma e múltipla, no seio do campo da palavra e da linguagem.

Sandra Mara pinça, no tempo de nossa humanidade, o *batismo* e a *escola moderna* como momentos decisivos nos quais a re-invenção da infância põe-se em jogo. Dispositivos distantes no tempo, mas sábios na marcação de um antes e um depois e, portanto, passíveis de vir a inscrever esses seres pequenos na série da-vida-à-morte. Assim, chamadas por Jesus ou por Comenius, as crianças passam a ganhar a chance de usufruir de uma infância. Usufruto que longe de ser passaporte de entrada a qualquer e sempre suposto paraíso de plantão – como o discurso (psico)pedagógico hegemônico pretende fazer-nos crer – instala as crianças perante o desafio de “aprender” a se fazer alguma coisa interessante com esse gozo sofrido, próprio de quem passa a funcionar, no campo da palavra e da linguagem, como o “Outro” de um mesmo mundo sempre velho e adulto.

No entanto, Sandra Mara Corazza sabe disso por uma razão muito mais simples: ela lança-se ao relato do “era uma vez ...” para desdobrar uma arqueologia da infância, aí onde os historiadores e sociólogos perdem-se, paradoxalmente, no intuito de pretender encontrar começos absolutos, idéias claras e distintas ou sentimentos pouco ambíguos. Ela sabe porque a aurora de sua vida foi causada por relatos adultos – por aqueles que se embalam ao som do “era uma vez.... quer que conte outra vez?”

Leandro De Lajonquière
Campinas, inverno de 2002